

Matar árvores não é mais notícia

Categories : [Eduardo Pegurier](#)

A mídia impressa americana deu sinais de fraqueza em 2008. Os problemas financeiros do *New York Times*, a concordata do grupo que controla o *Chicago Tribune* e o anúncio do fim da edição impressa do *Christian Science Monitor* são eventos marcantes deste fim de ano. A debilidade dos negócios nos EUA ajudou, mas, o que começamos a assistir, é o fim da mídia de papel. Com sinal trocado, no Brasil, a boa performance econômica e a ainda baixa penetração da internet fez a circulação de jornais impressos crescer. Mas em uma questão de anos devemos chegar ao mesmo ponto.

É natural que o fenômeno comece pelos jornais. Hoje, aquela maçaroca de papel, além de sujar a mão de tinta e ser desajeitado de ler, só trás notícias velhas. Chega depois da TV, do rádio e, na mídia escrita, da internet. Com frequência, abro a porta de manhã e, ao ver as manchetes estendidas no chão, penso que entregaram o jornal de ontem. Se o jornal local fosse o *New York Times* ou o *Washington Post* já poderia desistir da assinatura. Todo o conteúdo dos mesmos já se encontra online e aberto ao público em geral. Como leio O Globo, ainda preciso pagar para ter acesso às matérias completas e colunas que não são de acesso livre. O *New York Times* também costumava cobrar pelo acesso integral. Mas percebeu que a edição impressa estava estagnada e abrir o conteúdo multiplicaria os leitores e a receita de publicidade online. Numa difícil decisão, preferiu canibalizar o produto velho e se atirar em direção ao novo. A opção ainda mais radical do [Christian Science Monitor](#), um jornal de porte médio, foi passar a ter uma edição impressa semanal e todo o resto online. Parece um formato inteligente, já que as notícias diárias são descartáveis. As matérias especiais, que demandam tempo e calma para saborear a leitura, ficam muito mais interessantes no formato de revista, com qualidade de impressão superior e formato fácil de manusear.

Mas as revistas também começam a ser atingidas. A tradicional revista de informática *PC Magazine* terá sua última edição impressa em janeiro de 2009. A partir daí, [será inteiramente digital](#) e distribuída por e-mail. Os editores ressaltam vantagens da nova forma, como ser portátil, interativa, atualizada continuamente, parecida visualmente com a edição impressa e, como se tudo isso não bastasse, verde. Quer dizer, não vai gastar mais papel para ser impressa, combustível (e fumaça) para ser distribuída e poupará trabalho humano de entrega, mecânico e desinteressante. Bem, os saudosistas ainda podem imprimir em casa.

Vocês já imaginaram quantas árvores seriam poupadas se nós parássemos de imprimir jornais e revistas? Quanta área, hoje plantada com eucalipto, poderia ser reconvertida a florestas de árvores nativas? O mundo consome cerca de 300 milhões de toneladas de papel por ano. A imprensa usa 13% (39 milhões de toneladas) e a categoria material para escrever e impressão outros 30%. Ou seja, em um mundo onde a informação fosse toda eletrônica seria possível economizar 43% do consumo de papel. [Como uma tonelada de papel para impressão custa no](#)

[mínimo 12 árvores](#), sem mídia impressa seria possível poupar pelo menos 468 milhões de árvores por ano (39 milhões x 12). É um bocado de árvore. Olhando esses números, a expressão *dead tree media* (mídia de árvore morta) ganha outro peso.

A [boa notícia](#) é a queda de 6% do consumo per capita de papel nos países ricos, entre 2000 e 2005. Mas a maior força do atraso diz respeito a uma característica das pessoas: a escravidão ao hábito. Aprendi muito escrevendo para **O Eco** que, coerente com o seu conteúdo, já nasceu devidamente online. Há quatro anos, quando comecei a escrever essa coluna, me impressionou ver o trabalho dos jovens jornalistas contratados. Eles não imprimiam nada, algo impossível para mim. Passado esse tempo, me gabo por imprimir pouco. Com o [Snagit](#), guardo recibos de pagamentos online no PC e os encontro facilmente no disco rígido usando o [Google desktop](#). Anoto documentos em formato PDF com o Acrobat, leio jornais online e praticamente não imprimo fotografias. Aos poucos, estou conseguindo aposentar a minha impressora e as da imprensa também.

Aliás, é cada vez mais comum ver usuários de computador que não têm impressora. Para não correr o risco de perder tudo numa pane, uso o [Mozy](#), um serviço de backup online que é uma barganha, custa dez reais por mês, funciona automaticamente e não tem limite de armazenamento.

Assim, aproveito para desejar um Ano Novo com muita qualidade de vida. E sem papel.